

ADEUS A INEZITA BARROSO

Antônio Álvares da Silva

Professor titular da Faculdade de Direito da UFMG

Na tarde de domingo passado silenciou para sempre a voz de Inezita Barroso. Com ela morre a música sertaneja tradicional ou clássica, MSC, que ela ajudou bravamente a conservar.

Nas manhãs de domingo, retransmitido pela Rede Minas, os que gostam da música sertaneja clássica tinham um encontro marcado com a viola sertaneja. Tudo começava com Inezita dirigindo-se ao auditório cheio de fiéis seguidores com o velho e tradicional refrão: "viola, minha viola", dizia ela dirigindo-se ao público, que respondia num coro uníssono: "Eta programa que eu gosto".

A seguir vinha um desfile de duplas talentosas, violeiros inspirados, acompanhados pelo regional do programa, chefiado pelo instrumentista Joãozinho. A música sertaneja clássica mostrava então sua beleza no último reduto de resistência do Viola, Minha Viola.

Foram mais de 1.500 programas gravados em apresentação ininterrupta por 34 anos, fazendo dele o mais antigo da televisão brasileira.

A música sertaneja clássica tem uma história gloriosa, marcada pelo talento de seus cultores. Tudo começou em 1920 com o grupo caipira de Cornélio Pires, um baluarte da tradição. Daí para frente, andando junto com a música popular brasileira, a música sertaneja chegou até mesmo a superá-la em alguns instantes.

Manteve-se firme até 1970, quando então sofreu o primeiro abalo. Tudo mudara no cenário musical. O metal estridente, as mixagens, os amplos sistemas sonoros dos rodeios barulhentos abafaram a MSC. A viola recolheu-se, ficou dependurada atrás da porta, cedeu lugar à avalanche histórica do novo ritmo que com ela era incompatível.

Restou então o programa de Inezita Barroso como trincheira de resistência. Fiel a suas origens, culta, batalhadora, formada em biblioteconomia, foi professora de folclore e música sertaneja. Deixou a

ciência tradicional e voltou seus olhos para o sertão: deu aulas de folclore, recolheu tradições que perpetuou em arranjos musicais, valorizou a MSC, incentivou e criou novas duplas. Como exímia cantora, escolhia um repertório especial, cheio de arte e beleza, dando à música sertaneja a dimensão que deixara de ter. Fiel ao repertório clássico, controlava a qualidade do programa em perfeito entrosamento com seu público fiel.

Perguntaram-lhe sobre a aposentadoria, depois de completar noventa anos bem vividos. Respondeu na hora: não abandono a viola nem cedo meu lugar a ninguém. Inezita é um símbolo. O resumo de uma era que ela segurou em suas mãos e manteve viva com seu talento. Não precisava dizer que não cederia a ninguém o seu lugar, pois não tinha substitutos. Morreu dignificando o que é nosso. Sua memória se perpetuará para sempre no ponteado suave e delicado de nossa viola cabocla que ela ajudou a perpetuar com sua vida.